



A ADMINISTRAÇÃO DE UMA CIDADE OCUPADA

O "GOVERNO MILITAR ALIADO DE TERRITÓRIO OCUPADO" (*ALLIED MILITARY GOVERNMENT OF OCCUPIED TERRITORY* — ABREVIADAMENTE *AMGOT*) CONSTITUÍDO DE OFICIAIS DO EXÉRCITO ESPECIALIZADOS, QUE SE DESLOCAM A RETAGUARDA DAS TROPAS COMBATENTES DURANTE O AVANÇO E ASSUMEM A DIREÇÃO CIVIL DAS ZONAS SUBMETIDAS. A PRESENTE REPORTAGEM, DE UM CORRESPONDENTE DA "LIFE", REVELA, SOB O ASPECTO HUMANO, O QUE O *AMGOT* VEM FAZENDO NA SICÍLIA OCUPADA.

Adaptação do Ten. Cel. PAULO MAC CORD

De modo geral, os trabalhos militares de gabinete são famosos por sua insipidez. Contudo, uma das cousas mais atraentes da Sicília, neste momento, é a gente passar o dia ao lado da mesa do Major que governa a cidade de Licata em nome dos Aliados.

Regozijámo-nos, durante muito tempo, com as dificuldades encontradas pelos alemães e japoneses em organizar as terras invadidas. Hoje, porém, junto do Major, deparamos, analogamente, com inúmeras dificuldades, mas constatamos, ao mesmo tempo, sua ação pronta e atilada, de par com uma generosidade e um idealismo que tocam as raízas da sentimentalidade, num ambiente de inata simpatia que decorre da afinidade racial de grande parte dos nossos homens com os filhos da terra. Assistimos à incrível penúria do povo italiano, aos hábitos fascistas remanescentes, a um pouco de hipocrisia em meio de



O governador militar da cidade recebe em seu gabinete uma delegação do povo, para discutir assuntos de interesse local

muita humildade e a muitas cenas do gênero tragi-cômico. Entretanto, percebemos também que, acima de tudo, paira uma atmosfera de confiança no futuro.

O Major chega às 7 e 45. O cabo, seu auxiliar, já se encontra a postos em pequena mesa improvisada, no extremo oposto da enorme sala. Após fazer a sua primeira refeição de suco de laranjas enlatado, na própria mesa de trabalho, o Major engolfa-se no exame do seu livro conta-corrente, balanceando o *crédito*, representado pelo valor das multas impostas e pelo produto da venda de material apreendido, com o *débito*, proveniente dos pagamentos realizados sob a rubrica *Home Relief* (Contribuição para a Pátria) e das despesas de reparações. Debruçado sobre o seu trabalho, o Major aparenta invulgar energia. A pele bronzeada, crescido o bigode, seus olhos castanhos conservam-se, todavia, límpidos e lesto, sem denunciar a vigília da noite anterior, em consequência da preocupação causada pela responsabilidade dos afazeres do dia.

Terminado o exame dos livros, redige breve relatório, iniciando em seguida a audiência pública, que empresta à sua jornada um caráter ao mesmo tempo contristador e fascinante.

história da desgraça de duas mulheres

Em primeiro lugar apresentam-se duas mulheres vestidas preto. A mais moça traz uma criança ao colo. O Major fá-las sentarem-se. Enquanto a mais idosa começa a explicar suas dificuldades, com hábeis circunlocuções, a primeira abre a blusa e passa a amamentar o bebê. Parece que a família tinha nove crianças, oito das quais foram mortas pelo bombardeio... que o marido da casa onde moram tem goteiras, etc. O marido da moça está no exército italiano. Seu irmão desertou, mas se encontra em Palermo. A família sempre esteve contra o fascismo. Há muita malária na Sicília... E, assim, o rosário da desgraça vai sendo desfiado, até que o Major sutilmente pergunta: "E o que deseja?"

"Desejamos", responde a senhora, "permissão para ir a Palermo procurar o irmão da minha filha aqui presente, meu filho, que lutou pela pátria mas ainda não trabalha para a família".

O Major delicadamente explica que a situação é de anormalidade, que os trens não podem conduzir civis, que todo o esforço está sendo feito no sentido de apressar a terminação da guerra, mas que, por enquanto, é preciso ter paciência.

necessivo apêgo às cousas terrenas

O consultante seguinte é um advogado, muito gordo, trajando terno branco, e usando óculos azuis, e que, por força do hábito, saúda à moda fascista, mas, caindo em si da irreverência, faz deslizar a mão, disfarçadamente, pela testa, como a indicar o gesto impensado. Com gesticulação estudada, descreve a situação desdita de um velho, seu cliente, proprietário de um prédio com cinco apartamentos. Três destes já foram vendidos. Mas o velho está moribundo e deseja permissão para vender os outros dois, afim de não morrer intestado ainda na posse dos mesmos. O Major atende-o.

Suplício de Tântalo

Comparece agora ao recinto um homem decentemente trajado, declarando que possui fundos depositados no Banco da Sicília, não podendo, entretanto, sacá-los para satisfazer seus compromissos. O Major explica que os Aliados foram obrigados a fechar os bancos por alguns dias, como medida preventiva ao estabelecimento do pânico, que poderia levar à ruína todas aquelas casas de crédito. Fundos aliados, acrescenta êle, serão em breve fornecidos aos bancos, que ficarão autorizados a fazer transações dentro de limites pre-estabelecidos. Entrementes, cumpre conformar-se com a situação.

Negócio honesto

Chega a vez de um comerciante. Usa camisa abotoada, mas sem colarinho. Havia sido recomendado ao Major por sua seriedade. Declarou que estivera contra os fascistas durante muitos anos, desejando agora colaborar com a nova causa. O Major informou-o de que se achava na posse de artigos de vestiário e peças de fazenda que haviam sido sonegados ao consumo pelos antigos dominadores e que desejava, agora, vender à população, há muito impossibilitada de renovar seus trajes. Poderia o comerciante organizar uma tabela que permitisse aquela venda a preços razoáveis, incluindo uma pequena comissão para os armarinhos e revertendo a renda líquida em favor do governo da cidade, sob o título "Home Relief"? O interrogado ergue o braço maquinalmente e responde que sim.

Sôa a hora do almoço. Ao sair o Major do seu escritório e realizar o seu trajeto através da multidão expectante, ouvimos como um sussurro: "Beijo vossa mão... beijo vossa mão... beijo vossa mão..." É uma expressão tradicional de respeito vinda dos tempos em que realmente se beijavam as mãos. O Major sente-se embaraçado e declara que vai proibir o uso dessa expressão.

O almoço é servido em pequeno restaurante onde o menu, para qualquer refeição do dia, é constituído de massas, de hortaliça — espécie de solano (*solanum melongena*) — peixe frito,

vinho tinto e uvas. Durante a refeição, o Major relata a sua própria história, até então toda passada na América. Seus pais eram camponeses de Parma (Itália), que emigraram para os Estados Unidos aos 16 anos. Frequentou escola superior. Casou-se com a filha de um dos proprietários de uma grande firma de consignações, fez um empréstimo, adquiriu uma loja de especiário, que explorou com sucesso durante dois anos, vendendo-a depois, e empregou-se, finalmente, como funcionário público. Depois, então, ingressou no Exército.

Racionamento e câmbio negro

De volta ao escritório, encontrou o Major uma carta de Arturo Verdirami, velho excêntrico de 82 anos, dono de quase todas as minas de enxofre de Licata e antigo agente de companhias de navegação estrangeiras. Em inglês cujo estilo éle próprio classifica de "shakesperiano", a guisa de desculpa espirituosa, diz o missivista que a população humilde de Licata há meses não recebe suas quotas de óleo de oliva e outras gorduras, enquanto as famílias e os amigos pessoais das autoridades conseguem tudo o que desejam. Em consequência, os preços do mercado negro subiram vertiginosamente.

"Não deveis permitir que perdure essa tirania contra os pobres", conclue Arturo Verdirami na sua queixa.

Informado anteriormente, com as devidas minúcias, das especulações do mercado negro, já havia o Major tomado as medidas sugeridas por Verdirami. Reunira, para isso, todos os funcionários municipais, muitos dos quais ainda no desempenho de antigos cargos fascistas, e dissera-lhes: "Agora, com a presença dos americanos, Licata é uma democracia, o que significa que as pessoas dos governantes não são os senhores do povo. Como são renumerados os homens do Governo? Com o produto dos impostos pagos pelo povo. Então, o povo é que tem, realmente, ascendência sobre o Governo e não este sobre aquele. Sois agora servidores do povo de Licata". E aconselhara-os a entrarem, dali por diante, na fila das rações.

Justiça primária

O julgamento das contravenções acha-se, também, a cargo do Major que, para isso, transforma a sua mesa num tribunal improvisado. O Chefe dos Carabineiros lê as acusações e faz a interpretação do crime, com apurado senso dramático. Os réus permanecem, de ordinário, enfileirados, diante da mesa, fazendo todos, sem excepção, inadvertidamente, a abominada, mas ainda não de todo esquecida, saudação fascista.

Quinta-colunismo e avareza

O primeiro caso trazido à barra do tribunal de emergência é o de um homem que recusou receber dólares americanos e, peor ainda, não se quis sujeitar a vender pão a crédito à população local. Apoiado pelo adiposo advogado de terno branco e óculos azuis, alega ignorância, como justificativa. Diz que nunca tivera tempo de ler as proclamações. O Major rispivamente declara que a ignorância da lei não constitue defesa e aplica-lhe elevada multa, como penalidade.

Pária social

Segue-se o caso de um pobre homem, autor de furto de peças de fardamento de um depósito militar. Confessa-se culpado e afirma que não sabe ler, mas odeia os fascistas. Sua aparência é tão miserável que o Major condena-o à pena de três meses de reclusão, libertando-o, ao mesmo tempo, condicionalmente, e faz-lhe uma preleção sobre honestidade.

Caracteres simplórios

Depois, seis camponeses são introduzidos no salão. Expressam-se deficientemente, revelando grande atraso de espírito e inspirando compaixão aos presentes. São todos acusados de terem retirado um pouco de feno de um celeiro abandonado. De novo, o Major apenas adverte.

O último caso é, a um tempo, o mais engraçado e o mais enternecedor. Trata-se de um velho carroceiro. Apresenta-se

com o boné de pano amassado na mão, em atitude tão provocadora como se estivesse sendo julgado por fascistas, aos quais declara odiar. O Chefe dos Carabineiros começa a ler a acusação. Parece que, quando conduzia sua carroça pela cidade, aproximou-se do indigitado contraventor um combóio de caminhões anfíbios norte-americanos, cuja passagem interceptou, por vir dormitando na boléia. Saltando pela sala e rugindo, o Chefe dos Carabineiros descreve como um dos seus homens agarrou-se às rédeas do cavalo e, com esforço gigantesco, afastou a carroça, salvando a honra de Licata. O velho manteve-se em silêncio.

Prossegue o espalhafatoso acusador, descrevendo como o réu saltou em seguida da sua carroça e atacou o carabineiro, tentando lutar com o mesmo. Decidê-se, finalmente, o ancião a articular sua defesa.

A história do carroceiro

Fala lentamente a respeito da morte de sua esposa e do número de filhos e netos atacados de malária. Descreve minuciosamente o roubo de um cavalo feito pelos fascistas. Começa, por sua vez, a reproduzir a cena em questão, de maneira a convencer os presentes, depois de muitos gritos e variados golpes em todas as direções do espaço, numa luta simulada, de que o verdadeiro motivo de sua investida contra o carabineiro estava no seu próprio amor ofendido, por ver o seu animal de estimação maltratado por um simples motociclista. O Major julgou improcedente a denúncia.

Depredações

Ao terminar a sessão, sobreveiu uma contrariedade na pessoa do Signor Giuseppe Santi, proprietário da casa n. 29 da Piazza San Sebastiano. A referida casa havia sido requisitada para alojamento de tropa, o que constituía motivo de prazer para o queixoso, pelo ódio que votava aos fascistas. Mas sentia-se pezaroso, declara, em encontrar as gavetas rebentadas, os vidros quebrados e os painéis das portas fendidos, ao regressar à residência. O Major esclarece que os soldados, em regra, não possuem índole destruidora, mas que as contingências da guer-

ra dão-lhes maneiras selvagens. A exposição do Major é uma obra-prima de eloquência: termina aconselhando ao Signor Santi a encaminhar um pedido de indenização.

Cupido em cena

Por fim, ainda comparece uma linda senhorita, muito amedrontada.

Diz que seu noivo está servindo no Exército, constando-lhe ter sido o mesmo capturado pelos americanos. O Major entra em ligação com o campo de concentração de prisioneiros e certifica-se de que, de fato, o procurado jôven achava-se ali recolhido. Lágrimas. "Senhor Major, muito obrigada, muito obrigada, beijo vossa mão", exclama a senhorita, ao retirar-se.

Fim de jornada.

"Antes de ir para casa", declara o Major, "desejo encontrar uma nota alegre para terminar o dia, afim de esquecer a série interminável de tristezas e lamentações que me é dado presenciar". Mas, se lhe pedirmos ainda as suas impressões sobre o novo estado de cousas em Licata, após a recente ocupação americana, ouvi-lo-emos dizer: "Sem duvida a situação para o povo melhorou muito em relação ao que se passava sob o regime fascista. E' permitida a reunião na via pública a qualquer hora para comentar qualquer assunto. E' permitido ouvir as irradiações de *broadcasting*. Causou surpresa não haver proibição de sintonizar para estações estrangeiras. Passou, até, a existir certa predileção pelas notícias inglesas, em contraposição às irradiações de propaganda italianas, que proclamavam aos quatro ventos a opressão americana na Sicília. E' permitido ir ao Palácio da Cidade e falar ao Prefeito quando necessário. O Prefeito fascista fazia expediente das 12 a 1 e as audiências eram marcadas com muitos dias de antecedência. As vias públicas acham-se limpas, depois de séculos. Tenho 45 homens com um caminhão d'água e oito viaturas de limpeza. As condições de vida tem melhorado consideravelmente e continuarão a melhorar daqui por diante."